

SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Agosto de 2024
em Setembro de 2024

PIB brasileiro cresce acima das previsões

O comportamento do PIB no período de 2023.II a 2024.II trouxe uma surpresa positiva para o mercado financeiro, que inicialmente apostava em um crescimento na margem de 0,9%. Contudo, o aumento registrado pelo IBGE foi de 1,4%, frustrando as expectativas mais conservadoras (ver gráfico nº 1). Esse resultado superior ao previsto reflete a influência de vários fatores econômicos, principalmente a elevação do consumo interno e a melhora no mercado de trabalho, apesar de alguns sinais de desaceleração em setores específicos.

O salário mínimo real subiu de R\$ 1.370,00 em 2023.II para R\$ 1.412,00 em 2024.II, o que ajudou a impulsionar o consumo das famílias, responsável por um crescimento de 4,1% em 2023.II, embora tenha desacelerado para 3,7% em 2024.II. A massa salarial real, que aumentou de R\$ 295,25 bilhões para R\$ 316,25 bilhões, reforçou o poder de compra, contribuindo para o desempenho mais forte do PIB no período.

Além disso, a taxa de desemprego caiu de 8,0% para 6,9%, o que favoreceu o consumo e a demanda por bens e serviços, gerando impactos positivos sobre a produção e, conseqüentemente, o PIB. A melhora no mercado de trabalho foi um fator crucial para o aumento da atividade econômica, já que mais pessoas empregadas significam maior geração de renda e mais consumo.

Entretanto, a taxa de endividamento das famílias diminuiu de 18,4% para 17,18%, sugerindo um comportamento cauteloso das famílias em relação ao consumo, mesmo com a elevação da renda. Esse fator pode ter moderado o impacto positivo do aumento salarial, especialmente no final do período analisado, quando o crescimento do consumo desacelerou em relação ao início de 2023.

Outro ponto importante foi a retração nos investimentos, medida pela formação bruta de capital fixo, que passou de um crescimento de 2,0% em 2023.II para uma queda de -0,9% em 2024.II. A redução nos investimentos refletiu a alta das taxas de juros e o aumento das incertezas econômicas, o que impactou negativamente a capacidade produtiva futura, limitando um crescimento ainda mais expressivo do PIB.

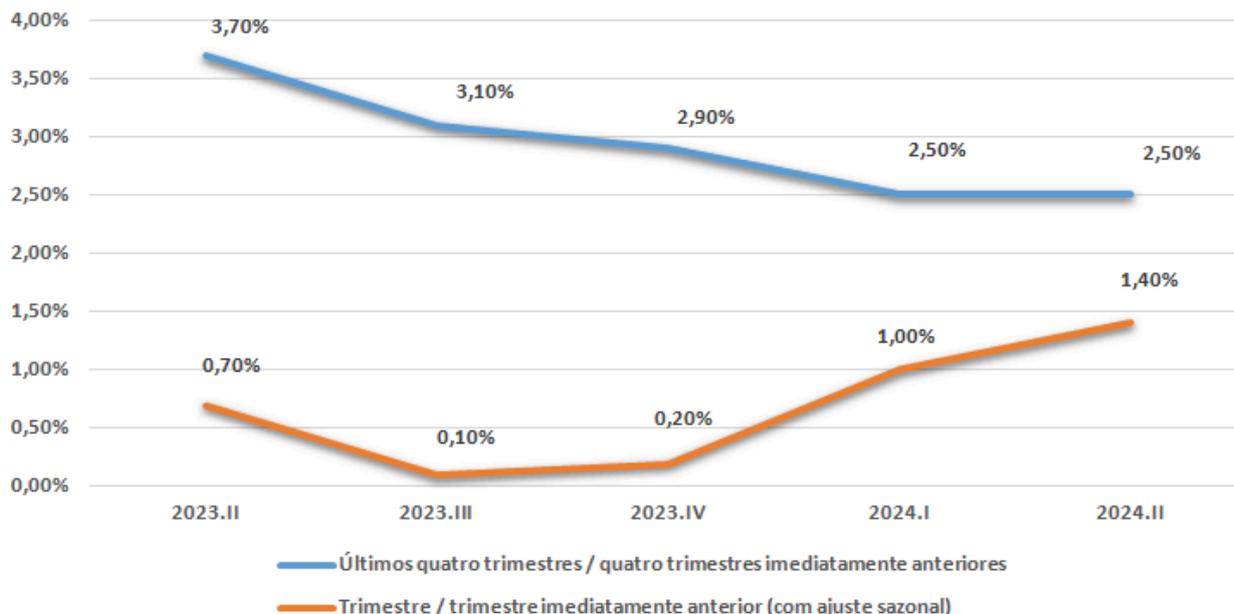
As exportações de bens e serviços também sofreram uma desaceleração, caindo de um crescimento de 9,8% para 7,0% entre 2023.II e 2024.II, enquanto as importações desaceleraram de 4,4% para 4,1%. A diminuição das exportações foi influenciada pela queda da demanda global, afetando a balança comercial e, por extensão, o crescimento econômico. No entanto, a redução nas importações ajudou a compensar parcialmente esse impacto.

No que se refere à oferta, o setor agropecuário apresentou forte crescimento de 14,5% em 2023.II, mas estagnou em 2024.II, enquanto o setor industrial registrou um leve aumento de 2,4% para 2,6%. Esse desempenho industrial, apesar de modesto, não inibiu a melhora da confiança entre os empresários, refletida no Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)[1], que subiu 1,6 ponto em setembro de 2024, alcançando 53,3 pontos, acumulando dois meses de alta, afastando-se da linha divisória de 50 e indicando maior otimismo. A confiança foi impulsionada por avaliações mais positivas sobre a economia, tanto nas condições atuais quanto nas expectativas futuras. O setor de serviços, com maior peso no PIB, desacelerou de 3,6% para 2,6%, impactado pela cautela no consumo das famílias e pela retração nos investimentos.

Portanto, o resultado do PIB, que superou as expectativas iniciais do mercado, pode ser atribuído ao aumento da renda, à queda do desemprego e à resiliência do consumo, embora a redução nos investimentos e o enfraquecimento de alguns setores tenham limitado um crescimento mais robusto.

[1] [indiceconfiancadoempresarioindustrial_setembro2024.pdf \(portaldaindustria.com.br\)](#)

Gráfico nº 1 - Resultados do PIB a preços de mercado do 2º Trimestre de 2023 ao 2º Trimestre de 2024 - IBGE -
Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



Banco Central eleva a selic em 0,25%

Como indicado na ata da reunião anterior do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB), a taxa Selic foi elevada de 10,50% para 10,75% ao ano, atendendo às expectativas de 75% dos investidores do mercado financeiro. O comunicado divulgado após a reunião sinaliza um ciclo de alta, com o objetivo de levar o IPCA à meta de 3% ao ano até 2026. Segundo a pesquisa FOCUS de 16/09/2024, embora o IPCA apresente uma trajetória de queda, as expectativas do mercado permanecem acima do centro da meta, com projeções de 4,35%, 3,95% e 3,61% para 2024, 2025 e 2026, respectivamente. As estimativas de inflação suavizada para os próximos 12 e 24 meses, períodos relevantes para a política monetária, também seguem uma tendência de queda, projetando-se em 4% e 3,69% ao ano. Essas projeções sugerem que o BCB pode ter agido de forma precipitada, já que a inflação está controlada dentro da faixa de tolerância e converge para o centro da meta.

Outros fatores também indicam um possível açoitamento do BCB ao elevar a taxa de juros. Do ponto de vista fiscal, o próprio mercado já reconhece que o arcabouço fiscal será cumprido, com um déficit primário de aproximadamente R\$ 28 bilhões em 2024. A mediana das expectativas para o comportamento das contas públicas foi ajustada de -0,8% do PIB no início de janeiro deste ano para 0,6% em meados de setembro, sugerindo uma redução no risco fiscal.

No cenário internacional, com o risco de recessão nos Estados Unidos, o Federal Reserve (FED) iniciou um ciclo de corte de sua taxa básica, reduzindo-a em 0,5%, para o intervalo de 4,75%-5%, e o mercado já prevê novas reduções. De acordo com o monitor de juros do FED, 62% dos investidores esperam uma nova queda de 0,25% na próxima reunião. O início do ciclo de baixa de juros do FED ampliaria a diferença em relação à taxa Selic, mesmo que esta permanecesse em 10,50% ao ano, e reduziria a pressão de alta sobre a taxa brasileira.

Os movimentos divergentes entre a política monetária do BCB e a do FED não apenas aumentam a diferença entre as taxas básicas, contribuindo para a valorização do real, com maior entrada de capitais de curto prazo em busca de ganhos via operações de carry trade, e redução da inflação no Brasil, mas também prejudicam a competitividade das exportações brasileiras, especialmente de produtos de maior valor agregado.

Com a elevação de 0,25% nos juros, o Brasil passa a ter a segunda maior taxa de juros real do mundo, de 7,33% ao ano, atrás apenas da Rússia, com 9,05%. Segundo dados do site Moneyou, a taxa média de 40 países é de 0,63% ao ano, com exemplos como China (0,71% ao ano), EUA (0,98% ao ano), Chile (0,29% ao ano) e Espanha (0,49% ao ano). Esse cenário agrava o desafio de estabilizar e reduzir a relação dívida/PIB, que gerou mais de R\$ 800 bilhões em pagamento de juros nos últimos doze meses.

Convém notar que, diferentemente do argumento do BCB sobre o aquecimento da economia brasileira para justificar a alta dos juros, a economia dá sinais claros de desaceleração, tanto na demanda quanto na oferta, como mostrado na comparação dos últimos quatro trimestres com o período anterior. O crescimento do PIB caiu de 3,7% para 2,5% ao ano (ver gráfico nº 1). Em síntese, o risco da elevação dos juros é comprometer a sustentabilidade de uma economia que começava a mostrar maior dinamismo, especialmente no setor industrial, após um longo período de estagnação, e nos investimentos, que vinham crescendo de forma modesta.

A produção industrial brasileira em julho de 2024

A produção industrial recuou 1,4% em julho de 2024 em relação a junho, após o impacto do desastre ambiental no Rio Grande do Sul, mas essa queda não compromete a trajetória de crescimento que a indústria e o PIB vinham apresentando. A retração foi concentrada em poucos setores, como o alimentício e de biocombustíveis, afetados por problemas climáticos e incêndios em São Paulo. Embora os desafios persistam, como o risco de aumento da Selic, bens de consumo duráveis e bens de capital seguem em expansão, liderando o crescimento industrial. No acumulado de janeiro a julho de 2024, esses segmentos registram as maiores altas, com destaque para a indústria automobilística e de máquinas e equipamentos. Mesmo com quedas pontuais em julho, bens intermediários e bens de consumo semi e não duráveis também mostram crescimento no ano, puxados por setores como carnes, bebidas e embalagens.[1]

Variações da Produção Industrial - Julho 2024 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-1,4	6,1	3,2	2,2
Bens de capital	2,5	17,3	6,8	-2,4
Bens intermediários	-0,3	4,0	2,3	2,1
Bens de consumo	-2,5	8,7	4,5	3,4
Bens de consumo duráveis	9,1	31,4	8,1	3,5
Semiduráveis e não duráveis	-3,1	5,5	3,9	3,4
Extrativa Mineral	-2,4	-0,4	1,8	4,7
Transformação	-1,3	7,3	3,4	1,7

Fonte: IBGE.

Segundo dados da CNI, a taxa de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação em julho de 2024 manteve-se estável em relação ao mês anterior, atingindo 79,5% na série com ajuste sazonal. Em comparação com julho de 2023, o indicador apresentou um aumento de 1,6 p.p. Embora tenha superado o nível registrado no período pré-pandemia (fevereiro de 2020: 77,3%), ainda se encontra abaixo da média histórica de 80,4%.

[1] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

PANORAMA CONJUNTURAL DA INDÚSTRIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE:

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE-PRESIDENTE:

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO:

Walter Luiz Juca Sá

COORDENADOR UNIDADE TÉCNICA

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL:

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE:

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA:

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO:

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA - IEL/AL

COORDENADORA:

Eliana Maria de Oliveira Sá

CONSULTORES:

Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

ANALISTAS:

Morgana Maria Machado Moura
Juliana Ferro Pereira

ESTAGIÁRIOS:

Bruno Melo Vasconcelos
Maria Raquel Farias Cezário
Marya Rita Melquiades Pereira
Welde Messias Vieira da Silva

DESIGN/LAYOUT:

Yasmin Nayara de Araújo Costa

Agosto de 2024
em Setembro de 2024